

1

ENSINO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA SOCIAL: A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA-ENSINADA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Patrícia Bastos de Azevedo*

Luciana Hallak Paulo**

Resumo

O artigo que apresentamos tem como ponto principal de reflexão a história ensinada nas séries iniciais e sua relação com memória-linguagem-história. Nossa pesquisa¹ encontra-se em processo inicial, as análises que apresentamos são elementos prévios que coletamos até o presente momento nos três espaços que elegemos como campo de pesquisa e o diálogo que estamos fazendo com a teoria que nos orienta.

Os espaços de coleta de dados foram: 1) alunos do curso de pedagogia matriculados na disciplina Ensino de História; 2) professores das séries iniciais de uma escola pública e 3) dez alunos de cada professor entrevistado. O ponto focado neste trabalho é a relação do ensino de história nas séries iniciais e o nacionalismo.

Palavras Chaves: Ensino de História, Memória e Linguagem.

Résumé

L'article que nous présentons a pour l'objectif principal la réflexion de l'histoire enseignée aux élèves du cours élémentaire e son rapport en ce qui concerne mémoire-langage-histoire. Notre recherche est au début, les analyses que nous présentons ce sont des éléments préalables que nous avons obtenus jusqu'au moment dans les trois places que nous avons choisi pour le champ de recherche et le dialogue que nous sommes en train de faire avec la théorie que nous guide.

Les places de prélèvement ont été : 1) les élèves du cours de pédagogie inscrits dans la discipline l' Enseignement d'Histoire ; 2) les enseignants du cours élémentaire d'une école publique et 3) dix élèves de chaque professeur interviewé. Le centre de l'attention de ce travail c'est le rapport entre l'enseignement d'histoire du cours élémentaire et le nationalisme.

Mots-clés : L'enseignement d'Histoire, Mémoire et Langage.

* Professora da Universidade Federal do Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar, Departamento de Educação e Sociedade. Doutoranda UFRJ, orientadora Prfª Drª Ana Maria Monteiro, Membro do Núcleo de Estudos do Currículo (NEC). patriciabazev@yahoo.com.br

** Graduada em Economia pela UFRuralRJ, aluna do Curso de Pedagogia na mesma universidade, membro do grupo de pesquisa Teoria Crítica e Educação (UFRuralRJ). luciana_hallak@yahoo.com.br.

¹ O lugar e o papel do ensino de história nas séries iniciais do ensino fundamental. Sem financiamento.

2

Nossa premissa inicial é que o ensino de história é um veículo, transmissor e propagador de memória. Nessa perspectiva buscamos compreender como os alunos do curso de pedagogia futuros professores, professores e alunos das séries iniciais compreendem o ensino de história.

Para os alunos do curso de pedagogia solicitamos que escrevessem o que lembravam do ensino de história ao longo de suas vidas. Para os professores perguntamos o que é o ensino de história. Para os alunos solicitamos que desenhassem o que sabiam de história.

Diante do material coletado no campo de pesquisa iniciamos nossas análises. Nas interpretações iniciais dos dados diversos caminhos se abriram a nossa frente, para esse artigo faremos um recorte e analisaremos uma questão recorrente nos três espaços que foram coletados os dados – a relação ensino de história, nacionalismo/memória e linguagem. Refletir sobre essa temática parece até clichê para alguns estudiosos, porém queremos destacar que o nacionalismo e suas práticas de propagação foi o elemento mais recorrente no material que coletamos e presente nos três espaços distintos de coleta de dados de nossa pesquisa. Acreditamos desta forma que é relevante pensarmos um pouco mais sobre estas práticas de construção de identidade nacional nas séries iniciais, mesmo correndo o risco de nos tornarmos repetitivos.

No primeiro campo de coleta, vinte cinco graduandos escreveram suas lembranças relativas à história ensinada. No segundo campo, foram entrevistados quatro professores. No terceiro, quarenta crianças fizeram seus desenhos relativos ao que sabem sobre história.

Dos vinte e cinco graduandos que relataram suas experiências concernentes ao ensino de história nas séries iniciais, quinze fizeram referência a datas comemorativas como principal lembrança sobre este ensino. A seguir destacamos trechos por elas escritos:

“Nas séries iniciais (1ª a 4ª), recordo-me de ter estudado na disciplina história temas como, datas comemorativas.” (24 anos)

“Os conteúdos eram compactos, sempre as mesmas coisas e na mesma ordem: os índios, a chegada dos portugueses ao Brasil, a exploração...” (24 anos)

“Nas séries iniciais acho que foi na 1ª série, eu decorei uma parte do descobrimento do Brasil – O Brasil foi descoberto em 1500 ...” (50 anos)

“Também tínhamos os questionários das datas comemorativas do ano.” (28 anos)

“No período em que cursei as séries iniciais a disciplina Estudos Sociais, agregava os conteúdos de história e geografia ...” (29 anos)

O nacionalismo estende sua ideologia sobre o ensino de história durante mais de um século, sua face vai sendo alterada para se adaptar as necessidades políticas presente na temporalidade em que o ensino de história está se estabelecendo. As datas comemorativas buscam aglutinar o sentimento de pertença de pessoas distintas a uma identidade semelhante e próxima, a festa como coligação de diferenças.

Durante a ditadura militar brasileira o ensino de história esteve sob rígida vigilância dos militares e no ensino fundamental ele foi aglutinado ao ensino da geografia, tornando-se “estudos sociais”. No período da ditadura militar, uma tradição foi sendo tecida e um dos instrumentos de promoção desta tradição foram as salas de aulas e os conteúdos de história, alguns elementos operacionalizantes desta memória oficial. Somente a força bélica não garantiria o poder, existia também a necessidade de um reconhecimento coletivo que legitimasse a instituição e as pessoas que estavam no comando. Segundo Habermas (2003),

Instituições fortes formaram tradições e práticas auto-referentes, as quais preenchem duas funções principais: externamente, elas possibilitam a representação de um papel autodefinido, porém dependente de um reconhecimento geral, isto é, uma interpretação da própria realização eficaz em nível de esfera pública, ou melhor, a simbolização do próprio significado; internamente, elas articulam uma auto compreensão normativa compartilhada intersubjetivamente por todos os membros e correligionários. (p. 78)

Para existir uma compreensão intersubjetiva de uma instituição, no nosso caso o Estado brasileiro, durante o período de ditadura militar, algumas estruturas físicas e emocionais foram construídas e, assim, possibilitaram seu status e manutenção e a construção de uma verdade de caráter universalista, produzindo uma memória naturalizada do poder vigente e do Estado estabelecido; possibilitando a existência do mundo da pseudoconcreticidade que tem como elemento próprio o duplo sentido que se apresenta como verdade, mas se estabelece no engano obscurecedor. Indica a essência, mas a esconde; manifesta o fenômeno, porém de forma a enganar o olhar, salientando elementos que colocam na sombra outros fatos que trariam para o foco uma diferente forma de enxergar o fenômeno (KOSIK, 1976, p.15). O ensino de história teve seu papel de fundamental importância na construção de uma história que visava salientar a memória oficial única e estável, que estabelecesse uma totalidade acabada e solidificada, perene, que afastava a existência ativa do sujeito histórico. A historiografia utilizada salientava uma

vertente ufanista focada nos vultos históricos e na personificação da história. Este aspecto esteve profundamente incutido no ensino de história.

A origem da disciplina escolar história marca sua trajetória pedagógica de forma relevante. Podemos encontrar sinais de uma historiografia evolucionista positivista até a atualidade nos livros didáticos, nos currículos e conteúdos definidos pelas várias secretarias de educação e na tradição prática da sala de aula. A linha histórica – idade antiga, idade média, idade moderna e idade contemporânea – têm sua origem na modernidade e na perspectiva que ela produz de novos tempos, os tempos modernos (HABERMAS, 2000, p. 9). Esta divisão impregna de tal forma o ensino que serve como divisora dos conteúdos nos ciclos e séries que compõem o ensino fundamental. A História, baseada na lógica da burguesia européia ocidental, está pautada em uma concepção evolucionista e progressista, marcadamente linear, nos *“princípios sobre os quais continua se apoiando essa velha senhora européia que chamamos de história”*. (GRUZINSK, 2000, p. 387). Princípios que fundamentam o ensino de história praticado nas salas de aula, valorizando uma memória em detrimento de outra.

Os pilares que servem como sustentação para a História direcionam o foco do olhar e destacam uma faceta da memória, ou melhor, constroem uma memória específica, que tem uma função ideológica muitas vezes escondida ou camuflada. *“O mundo da pseudoconcreticidade é um claro escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido* (KOSIK, 1995, p. 15). Nessa perspectiva, o olhar histórico é desfocado e obscurecido para uma outra memória específica, tornando pessoas comuns não presentes na historiografia, que quando presentes são colocadas em uma perspectiva marginal, desbotada, produzindo uma amnésia, naturalizando a memória oficial e elevando-a à categoria de dogma – imutável, perene, eterno – focando a história nos dignos de memória, um culto a personalidades e vultos.

Até que ponto é eficiente a produção desta amnésia? Na sala de aula de história, a memória valorizada e apresentada, que remete à História dos dignos de memória, muitas vezes, entra em conflito com uma outra memória – a memória subterrânea – que é construída em outros espaços da vida dos estudantes, negada nos espaços escolares e direcionada para o porão do saber. A *“memória subterrânea que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à memória oficial”* (POLLAK, 1989, p. 5, grifo do autor).

5

Em nossa coleta de dados observamos como esta memória subterrânea invade a sala de aula, e questiona e desestabiliza o professor. Quando solicitamos aos alunos que desenhassem o que sabiam de história, vários desenharam a bandeira nacional e um aluno perguntou:

“Posso desenhar armas?”

“Desenhe o que você quiser relativo a história”

O aluno desenhou diversas armas e falou “*essa é a minha história*”, compreendemos que o pano de fundo sócio cultural invade o espaço da sala de aula e coloca os professores diante de verdadeiros dilemas. O questionamento do aluno nos levou a pensar duas questões básicas: 1) qual o papel do ensino de história nas séries iniciais? e 2) que história nossos professores desta etapa do ensino fundamental estão ensinando. Diante desta questão resolvemos ouvir os professores.

Nessa etapa de nossa pesquisa entrevistamos quatro professores das séries iniciais. Queríamos saber o que eles ensinam e o que eles pensam sobre o ensino de história. Destacaremos trechos das entrevistas que evidenciam diversos elementos de constituição da compreensão que esses professores têm do ensino de história e sua importância desta disciplina nas séries iniciais.

Professor 1:

“O ensino de história é muito importante para o desenvolvimento de cada indivíduo, pois através da história aprendemos um pouco sobre nosso passado e nossa cultura, origem e como concluímos quem realmente somos.”

Professor 2:

“O ensino de história tradicionalmente é caracterizado pela supervalorização dos grandes nomes (os heróis da história) e das datas consideradas marcantes por conta de algum acontecimento relevante. Nesse sentido, a perspectiva crítica fica comprometida uma vez que não é permitido ao aluno contextualizar os fatores lendo-o aos reais motivos desses acontecimentos.”

Professor 3:

“No 2º ano de escolaridade o ensino da história é muito voltado para a inserção do aluno no contexto social, buscando sua auto-percepção como integrante (família) e da necessidade que tem deste grupo, além da busca pela própria identidade e da percepção da passagem do tempo e das transformações que ocorreram consigo, com os outros e com o meio nesta passagem. Há também, um grande destaque para as datas comemorativas, cujo objetivo é fazer com que o aluno tome ciência de datas históricas e festividades em sua sociedade”.

Professor 4:

“O aluno não se identifica com o conhecimento histórico. A questão ‘por que estudar História?’, revela que esse conhecimento está distanciado de sua realidade.”

Podemos observar a questão do nacionalismo de forma recorrente também nas falas dos professores. O professor 1 faz referência a construção de uma identidade vinculada ao conhecimento que a história nos proporciona sobre o “*nosso passado*”, nos questionamos: que passado seria esse?, que identidade esse passado revelado pela História burilaria?

Carbonari (2000) nos ajuda a compreender que papel a História ocupa na formação desta identidade na tradição da disciplina história:

Os tratados antigos se referiam à importância da transmissão histórica em termos de dar lições do passado, exercer uma função ‘moralizadora’, ser mater et magister vitae (mãe e mestra da vida), entendendo que a História instrua com exemplo, corrigia os erros e servia para a ação dos futuros governantes. (p. 9)

Nessa perspectiva que passado o professor 1 estaria ensinando? Se há um passado a ensinar em que lugar está o sujeito “*aluno*” nesse passado? No passado que esta sendo “*aprendido*” os alunos deste professor são atores? Ou são esquecidos como denuncia o professor 2 “*O ensino de história tradicionalmente é caracterizado pela supervalorização dos grandes nomes (os heróis da história) e das datas consideradas marcantes*”. Ou os alunos não conseguem se ver nessa História como salienta a professora 4 “*O aluno não se identifica com o conhecimento histórico*”. O que ensinar e como ensinar? Essa é a grande questão que não nos propomos a responder, pois este artigo não comporta uma reflexão mais densa sobre esta demanda que consideramos muito relevante. Pretendemos tecer considerações relativas a memória social e sua relação no espaço da história ensinada e a perspectiva do diálogo como fio condutor de um caminho para pensar esta relação na sala de aula do ensino fundamental nas séries iniciais.

Na fala do professor 3 podemos observar questões antagônicas que revelam o quanto o ensino de história nas séries iniciais necessitam de uma atenção maior por parte dos pesquisadores de educação/história. O professor inicia sua fala revelando que o ensino de história no 2º ano do ciclo busca uma relação sujeito-tempo-espaço e termina falando das datas comemorativas e de sua importância, nos parecendo que as datas comemorativas estariam se relacionando com a construção de uma identidade nacional. As datas comemorativas são marcas que buscam reforçar sentimento de pertença à pátria e são centradas em grandes eventos e personalidades históricas. Como caminhar ao mesmo tempo por dois caminhos distintos na história ensinada? Seria possível trabalhar a questão

7

sujeito-tempo-espaco e destacar as datas comemorativas? No mundo de hoje qual a funcao das datas comemorativas? Habermas (2003) no trecho a seguir reflete sobre o papel que essas memorias as celebrações tem no tempo atual.

... as formas tradicionais de memória coletiva da nação, iniciadas pelos dirigentes e praticadas pelo povo, caíram hoje no redemoinho da reflexão. E, através da ampliação discursiva e da pluralização interna do processo de decisão, os símbolos e cerimônias perderam o seu caráter 'naturalmente' obrigatório ((turwüchsig)), isto é, o caráter de algo que abriga, independente da consciência e da reflexão. (p. 79)

Assim como as práticas tradicionais de memória, o ensino de história encontra-se nesse redemoinho de reflexões, principalmente porque sua gênese é oriunda de uma estratégia de promoção do nacionalismo e próxima a Estado/Nação constituído. Este processo de questionamento da História posta como verdade e estática chega aos espaços escolares e invade a sala de aula de história. Os alunos questionam o professor sobre o valor de se estudar história como nos aponta a professor 4. Ao questionarem sobre o valor eles apontam também uma problemática central da História que aparece no ensino de história, o seu distanciamento do universo que cerca o aluno que está nas nossas salas de aula.

Percebemos que as questões do nacionalismo ainda têm o seu lugar nas práticas pedagógicas do ensino de história nas séries iniciais, porém necessitamos ampliar as reflexões relativas a estas questões. Não podemos nos furtar a pensar, debater e operacionalizar o ensino de história e as suas diversas temáticas que perpassam a sociedade contemporânea.

Observamos que as questões relativas ao ensino de história nas séries iniciais são pouco debatidas, o apego à tradição do ensinar está muito calcado ao que esses professores sabem e aprenderam enquanto alunos, desta forma o nacionalismo, as datas comemorativas e toda a tradição que circunda a história ensinada é o caminho que os professores sentem-se à-vontade para percorrer. Pimenta escreve:

Uma identidade profissional se constrói, pois a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos signos sociais da profissão; da revisão de tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. (p. 19)

Acreditamos ser possível de fato um ensino de história nas séries iniciais que promova a desnaturalização da memória tradicionalmente veiculada. Um ensino problematizador que ajude o aluno a se perceber sujeito histórico em um processo dialógico. Destacamos, porém que de fato os professores que atuam nesta etapa do ensino

8

não são formados para trabalhar nesta perspectiva e a Academia também dedica pouquíssimos esforços na reflexão, problematização e viabilização de alternativas a tradição construídas no espaço da história ensinada nas séries iniciais. Acreditamos que é emergencial pensar e buscar de fato estratégias para o ensino de história nesta etapa do ensino fundamental. As buscas por alternativas devem ser permeadas por um olhar atento as especificidades que esta etapa de ensino possui, e assim produzem sua identidade própria, diferente das reflexões a cerca do ensino de história nas séries finais do ensino fundamental e do ensino médio e superior.

Não esperamos tecer respostas apenas trazemos para o espaço do debate questões que nos afligem enquanto professora e aluna – do curso de pedagogia. Nossas indagações principais continuam a nos perseguir – **Qual o lugar do ensino de história nas séries iniciais? Qual a memória que ele propaga?**

7. Bibliografia

AZEVEDO, P. B. **Ensino de historia e memória social: A construção da história-ensinada em uma sala de aula dialógica.** Dissertação de Mestrado, Niterói UFF, 2003.

CABRINI, C. (org.). **O ensino de História: revisão urgente.** 5ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

CARBONARI, M. R. **Que fazemos com a história?** In DAVIES, Nicholas (org.). *Para além dos conteúdos de História.* Niterói, EdUFF, 2000.

GRUZINSKI, S. **Acontecimento, bifurcação e acaso... Observações sobre a história a partir das periferias do Ocidente.** In MORIN, Edgar (org.). *Jornadas temáticas.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições.** São Paulo, Martins Fontes, 2000.

_____. **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2003.

KOSIK, K. **Dialética do concreto.** 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2002.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.